

NICOLE KRAUSS

# Floresta escura

*Romance*

*Tradução*

Sara Grünhagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Nicole Krauss

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

O trecho de Franz Kafka citado na epígrafe foi extraído de *Essencial*, tradução de Modesto Carone (São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011). O trecho de Dante Alighieri citado na nota da autora foi extraído de *A divina comédia*, tradução de Italo Eugenio Mauro (São Paulo: Editora 34, 1998).

*Título original*

Forest Dark: A Novel

*Capa*

Carlos di Celio

*Foto de capa*

Michael Jacobs/ Alamy/ Fotoarena

*Foto de abertura*

Galit Julia Aloni

*Preparação*

Officina de Criação

*Revisão*

Thaís Totino Richter

Márcia Moura

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Krauss, Nicole

Floresta escura : romance / Nicole Krauss ; tradução Sara Grünhagen. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Forest Dark : A Novel.

ISBN 978-85-359-2389-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

17-11114

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Para o meu pai*

ולגביא

*A expulsão do paraíso, no seu principal aspecto, é eterna. É verdade também que essa expulsão é definitiva e que a vida no mundo, inevitável, mas, apesar disso, a eternidade do processo torna possível não só que continuemos continuamente no paraíso, como também que, na realidade, estamos lá de forma duradoura, não importa se aqui temos ou não conhecimento disso.*

Kafka

# Sumário

## I

Ayeka, 13

No nada, 47

Todas as vidas são estranhas, 102

Fazendo as malas para Canaã, 123

Ser e não ser, 149

Kadish para Kafka, 172

## II

Gilgul, 189

Florestas de Israel, 210

Algo para carregar, 229

O último rei, 239

Para o deserto, 256

Lech Lechá, 279

Já presente, 288

*Nota da autora*, 297



# Ayeka

Na época em que desapareceu, Epstein já morava em Tel Aviv havia três meses. Ninguém tinha visto seu apartamento. Uma das filhas, Lucie, fora visitá-lo com os filhos, mas Epstein os instalara no Hilton, onde os encontrou para um farto café da manhã em que só bebericou chá. Quando Lucie sugeriu passar no apartamento, ele se esquivou, desculpando-se e explicando que o lugar era pequeno e simples, impróprio para receber visitas. Ainda se recuperando do divórcio tardio dos pais, ela lhe lançou um olhar desconfiado — nada em relação a Epstein jamais fora pequeno ou simples —, mas acabou tendo de aceitar, junto com todas as outras mudanças que ocorreram com ele. No fim, foram os investigadores da polícia que introduziram Lucie, Jonah e Maya no apartamento do pai, em um prédio caindo aos pedaços perto do antigo porto de Jafa. A pintura estava descascando, e o chuveiro ficava em cima do vaso sanitário. Uma barata passou bem à vontade pelo piso frio. Só depois que o policial a esmagou com o sapato foi que ocorreu a Maya, a filha mais nova e mais

inteligente de Epstein, que talvez o inseto tivesse sido a última criatura a ver seu pai. Se é que ele chegara mesmo a morar ali — as únicas coisas que sugeriam sua passagem pelo lugar eram alguns livros deformados pelo ar úmido que entrava por uma janela aberta e um frasco de comprimidos Coumadin, que Epstein tomava desde o diagnóstico de fibrilação atrial, cinco anos antes. Não que o lugar fosse sórdido, mas tinha mais em comum com as favelas de Calcutá do que com os quartos em que pai e filhos tinham ficado na costa de Amalfi e no cabo de Antibes — embora, como naqueles quartos, o de Tel Aviv também tivesse vista para o mar.

Nos últimos meses, tornara-se difícil entrar em contato com Epstein. Suas respostas não chegavam mais de supetão, não importava a hora do dia ou da noite. Ele sempre tivera a última palavra porque nunca deixava de responder. Mas, aos poucos, suas mensagens foram se tornando cada vez mais escassas. O tempo se expandia entre elas porque havia se expandido nele: as vinte e quatro horas que Epstein antes preenchia com tudo o que havia debaixo do sol foram substituídas por uma escala de milhares de anos. A família e os amigos se acostumaram com seus silêncios irregulares; por isso, na primeira semana de fevereiro, quando ele deixou de dar sinal de vida, ninguém se alarmou de imediato. No fim das contas, foi Maya quem acordou à noite sentindo um tremor na linha invisível que ainda a ligava ao pai, e pediu ao primo dele que fosse vê-lo. Moti, que já tinha se beneficiado com muitos milhares de dólares de Epstein, acariciou o traseiro da amante que dormia em sua cama, acendeu um cigarro e enfiou os pés nus nos sapatos. Embora estivessem no meio da noite, ele ficou feliz por ter um pretexto para falar com Epstein sobre um novo investimento. Mas quando chegou ao endereço



de Jafa, rabiscado na palma da mão, logo ligou para Maya. Devia haver um engano, disse. Era impossível que o pai dela morasse numa espelunca daquelas. Maya telefonou para o advogado de Epstein, Schloss, o único que ainda sabia de alguma coisa, e ele confirmou que o endereço estava certo. Quando Moti finalmente acordou a jovem inquilina do segundo andar, de tanto apertar a campainha com seu dedo grosso, ela confirmou que Epstein estivera morando no andar de cima nos últimos meses, mas que fazia vários dias que não o via, nem mesmo o ouvia andando de um lado para outro durante a noite, ruído a que já se habituara. Embora não pudesse adivinhar naquele momento, em que, postada na porta, sonolenta, falava com o primo calvo do vizinho de cima, a moça acabaria se acostumando, no rápido desenrolar de acontecimentos que se seguiram, ao som de muitas pessoas indo e vindo sobre sua cabeça, traçando e retrazendo os passos de um homem que ela mal conhecia e de quem, no entanto, passara a se sentir estranhamente próxima.

A polícia só ficou à frente do caso durante meio período, antes de o Shin Bet, serviço de segurança de Israel, assumi-lo. O presidente Shimon Peres ligou pessoalmente para a família, dizendo que moveriam montanhas para resolver o caso. O taxista que conduzira Epstein seis dias antes foi localizado e levado para interrogatório. Apavorado, sorriu o tempo todo, revelando um dente de ouro. Mais tarde levou os detetives do Shin Bet até a estrada junto do mar Morto e, após certa confusão causada pelo nervosismo, conseguiu localizar o ponto onde havia deixado o passageiro, uma intersecção perto das colinas estéreis, a meio caminho entre as cavernas de Qumran e o En-Gedi. As equipes de busca se espalharam pelo deserto, mas só encontraram uma pasta vazia com as iniciais de Epstein, o que, segundo Maya, só tornava mais verossímil a possibilidade de ele ter sido transubstanciado.

Durante aqueles dias e noites, reunidos no Hilton, seus filhos oscilaram entre esperança e tristeza. Havia sempre um telefone tocando — Schloss tinha três —, e cada vez que isso acontecia eles se agarravam à última informação que chegava. Jonah, Lucie e Maya ficaram sabendo coisas sobre o pai de que não tinham conhecimento. Mas, no fim, não conseguiram descobrir nem o que ele tinha pretendido com aquilo tudo, nem o que lhe acontecera. Com o passar dos dias, as ligações foram diminuindo, sem trazer milagres. Aos poucos, os filhos foram se ajustando a uma nova realidade, em que o pai, tão firme e decidido na vida, os deixara com um ato final totalmente ambíguo.

Um rabino foi chamado e explicou a eles em um inglês com forte sotaque que a lei judaica exigia certeza absoluta sobre a morte para que os rituais de luto pudessem ser realizados. Nos casos em que não havia um cadáver, considerava-se suficiente uma testemunha da morte. E mesmo quando não havia cadáver ou testemunha, a notícia de que a pessoa fora assassinada por ladrões, ou se afogado, ou arrastada por um animal selvagem bastava. Mas naquele caso não havia nem cadáver, nem testemunha, nem notícia alguma. Nem ladrões, nem animais selvagens, até onde se sabia. Apenas uma ausência incompreensível onde outrora tinha estado o pai deles.

Ninguém poderia ter imaginado, mas até que acabou parecendo um fim apropriado. A morte era pequena demais para Epstein. Olhando para trás, não era nem mesmo uma possibilidade real. Em vida, ele ocupava todo o ambiente. Não era grande, apenas irreprimível. Havia um excesso dele; Epstein constantemente transbordava. Tudo saía aos borbotões: a paixão, a raiva, o entusiasmo, o desprezo pelas pessoas e o amor pela humanidade. Fora criado em meio a discussões e precisava delas para se sentir

vivo. Desentendera-se com a maioria das pessoas com as quais simpatizara; os que sobreviviam se tornavam perfeitos, alvos do amor eterno de Epstein. Conhecê-lo era ou ser esmagado por ele ou colocado num pedestal absurdo. Dificilmente alguém se reconhecia nas descrições feitas por Epstein, que tinha uma longa linhagem de protegidos. Impondo-se, deixava-os inchados, cada vez maiores do que eram, como fazia com todos que escolhia amar. No fim, as pessoas se sentiam como um balão de desfile do Dia de Ação de Graças. Até que em algum momento esbarravam nos galhos dos altos padrões morais de Epstein e estouravam. Dali em diante, seus nomes tornavam-se anátemas. Em seus hábitos inflacionários, Epstein era bem americano, mas não em sua falta de respeito pelos limites e em seu tribalismo. Era alguma outra coisa, e essa outra coisa levava a contínuos mal-entendidos.

E, no entanto, ele tinha um jeito de atrair as pessoas, de trazê-las para o seu lado, sob o amplo guarda-chuva de suas regras. Algo dentro de Epstein brilhava com força, e ele irradiava essa luz de maneira descuidada, como alguém que não precisa se preocupar em economizar. Com ele, não havia tédio. Empolgava-se, desanimava e se entusiasmava de novo, seus ânimos se exaltavam, não perdoava nada, mas nunca era nada menos do que absolutamente envolvente. Tinha uma curiosidade infinita, e quando se interessava por algo ou por alguém, fazia investigações exaustivas. E tinha certeza de que o resto do mundo estaria tão interessado no assunto quanto ele. Mas poucos conseguiam acompanhá-lo. No final, eram sempre os outros que insistiam em se retirar primeiro num jantar, e Epstein ainda os seguia para fora do restaurante, brandindo o dedo no ar, ávido por esclarecer seu ponto de vista.

Sempre fora o primeiro em tudo. Onde lhe faltavam habilidades naturais, ele superava seus próprios limites por pura força de vontade. Quando jovem, não fora um orador nato; a língua

presa o atrapalhava. Tampouco era naturalmente atlético. Mas com o tempo destacou-se de modo especial nessas coisas. A língua presa foi superada — apenas escutando com uma atenção microscópica alguém poderia detectar um levíssimo ceceio ali onde a operação necessária fora realizada —, e, depois de passar muitas horas na academia e afiar um instinto sagaz e implacável, ele se tornou um campeão do peso leve. Onde encontrava um muro, Epstein se atirava contra ele de novo e de novo, levantando-se incansavelmente até o dia em que conseguia atravessá-lo. Essa pressão e esse empenho enormes eram perceptíveis em tudo o que fazia, mas se em qualquer outra pessoa o esforço poderia parecer algo penoso, nele era uma forma de graça. Mesmo quando criança, suas aspirações eram gigantescas. No quarteirão onde cresceu em Long Beach, Long Island, Epstein cobrara de dez casas uma mensalidade para ficar disponível vinte e quatro horas por dia e realizar até dez horas de serviços por mês, definidos numa oferta sempre crescente que ele enviava com a fatura (cortar grama, levar o cachorro para passear, lavar carro e até desentupir privadas, pois ele não tinha em si aquele botão desligar que os outros pareciam ter). Teria dinheiro a perder de vista, porque esse era o seu destino; muito antes do casamento abastado, já sabia exatamente o que fazer com ele. Aos treze anos, comprou com suas economias uma echarpe de seda azul, que usava tão casualmente quanto seus amigos usavam seus tênis esportivos. Quantas pessoas sabem gastar seu dinheiro? A esposa, Lianne, sempre fora alérgica à fortuna da família; a riqueza a endurecia e a retraía. Ela passou seus primeiros anos tentando apagar seu rastro de ambientes luxuosos. Mas Epstein a ensinou a usá-la. Comprou um Rubens, um Sargent, uma tapeçaria Mortlake. Pendurou um pequeno Matisse no closet. Sob uma bailarina de Degas, ficava sentado só de cueca. Não era uma questão de mau gosto ou de falta de bom senso. Não, Epstein era muito elegan-

te. Não era refinado — não tinha nenhuma ambição de perder suas impurezas —, mas se polira com esmero. Em se tratando de prazer, não via por que se envergonhar; seu prazer era grande e autêntico, de modo que ele era capaz de se sentir em casa mesmo rodeado das coisas mais sofisticadas. Todo verão, alugava o mesmo castelo “surrado” em Granada, onde podia jogar o jornal no chão e pôr os pés para cima. Escolheu um ponto na parede de gesso para marcar a lápis o crescimento das crianças. Anos depois, ficava comovido à menção do lugar — errara tanto, arruinara aquilo, e, no entanto, ali, onde seus filhos tinham brincado livremente sob as laranjeiras, havia acertado.

Mas no fim houve uma espécie de deriva. Mais tarde, quando seus filhos olhavam para trás e tentavam entender o que acontecera, podiam localizar o início da transformação do pai em sua perda de interesse pelo prazer. Algo se abriu entre Epstein e seu enorme apetite — este recuou para além do horizonte que um homem carrega dentro de si. Vivia então separado da beleza requintada que adquirira. Faltava-lhe o que permitiria harmonizar tudo, ou ele apenas se cansara da ambição de fazê-lo. Por um tempo, as pinturas continuaram penduradas nas paredes, mas Epstein não tinha mais muito a ver com elas. As telas seguiram com suas vidas, sonhando nas molduras. Algo mudara. Não se sentia mais o vento forte que saía dele. Uma grande quietude anormal se instalou, como acontece antes de fenômenos meteorológicos radicais. O vento então mudou de direção e voltou-se para dentro.

Foi aí que Epstein começou a doar suas coisas. Primeiro deu uma pequena maquete de Henry Moore para o médico, que a havia admirado durante uma visita domiciliar. Da cama, derubado pela gripe, Epstein explicou ao dr. Silverblatt em qual armário encontrar o plástico bolha. Alguns dias depois, tirou o anel de sinete do mindinho e o pôs na palma da mão de seu